

Armando Côrtes-Rodrigues, um poeta que “é directamente de Orpheu”

Anabela Almeida¹

Em novembro de 1935, quando passavam vinte anos sobre *Orpheu* e no mês em que morre Fernando Pessoa, sai o terceiro e último número da revista *Sudoeste*. Este número, organizado por Almada Negreiros e Fernando Pessoa, pretendia reunir textos de todos os colaboradores de *Orpheu*. Porém, por razões de ordem geográfica, não foi possível integrar a participação de Ronald de Carvalho, Eduardo Guimaraens e Côrtes-Rodrigues, conforme explica Fernando Pessoa no já mítico texto, “Nós os de Orpheu”.

Neste texto de uma página que antecede aquelas colaborações, Fernando Pessoa considera a personalidade inventada de Violante de Cysneiros e os seus poemas “uma maravilha subtil de criação dramática” e apresenta Côrtes-Rodrigues como quem é “directamente de Orpheu”.

E, com efeito, assim é.

Armando Côrtes-Rodrigues chegou a Lisboa para cursar Letras no dia 6 de outubro de 1910, a capital não poderia ter sido uma boa anfitriã, no entanto, o poeta lembraria o tempo que nela viveu como a melhor recordação da sua vida. Aqui conheceu, entre outros, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Hernâni Cidade, Alfredo Guisado e António Cobeira, que o apresentou a Fernando Pessoa como quem chegava da ilha de Antero.

Os companheiros que o poeta açoriano conheceu, que se revelaram amigos de vida e poesia, foram, pois, decisivos para a construção daquela grata lembrança. No entanto, outros aspetos contribuíram para que o tempo que Côrtes-Rodrigues viveu em Lisboa o acompanhasse pela vida fora. As livrarias que frequentou, repletas de livros e de novidades literárias, foram outro elemento de predileção

¹ UNL, FCSH, CHAM.

do poeta, tendo assistido à inauguração da Livraria Sá da Costa com cujo proprietário manteve diálogo durante décadas. Este jovem estudante, que recebera uma sólida formação musical e tinha na casa paterna ambiente onde reinava a arte de Euterpe, não foi indiferente ao que, com esta arte, se passava na capital, tendo assistido a muitos concertos nos teatros S. Carlos e República, alguns dos quais na companhia de Fernando Pessoa, conforme consta no diário do poeta plural. Note-se que, segundo Côrtes-Rodrigues, os poemas do primeiro número de *Orpheu* surgiram de um estado febril causado pelo primeiro concerto sinfónico a que assistiu no Teatro S. Carlos.

Leiamos o que o poeta disse ao lembrar, em 1953, este tempo de há 100 anos:

Guardo esses cinco anos de convívio diário na intimidade do belo espírito do grande poeta como a melhor recordação da minha vida. De resto, nunca conheci ninguém de tão vasta cultura e de tão penetrante inteligência que fosse mais simples, mais acolhedor, mais delicado, mais correto e menos dogmático do que ele, que bem poderia servir de exemplo a certos partidismos literários. Magro, extremamente reservado, o poeta possuía uma magnífica memória, que lhe permitia recitar poetas franceses e ingleses e invariavelmente aquele poema de Camilo Pessanha que começa: "Chorai arcadas / de violoncelo / convulsionadas...". Abancávamos na "Brasileira" do Chiado ou do Rossio durante o dia, com um grupo de amigos, que já presentia o génio desse homem que tinha, no seu ar de mistério, qualquer coisa de iluminado, com olhos penetrantes que olhavam, para além dos óculos, o enigma das almas e do mundo².

Durante estes cinco anos, o homem a quem, nestes termos, Côrtes-Rodrigues se refere, Fernando Pessoa, elabora e inicia o seu projeto literário, que, no seu caso, é projeto de vida, que o revelaria como "criador de cultura e civilização". Colabora na *Águia*, na *Teatro*, na *Renascença* e em outras revistas e jornais com artigos de intervenção em diferentes domínios da vida portuguesa, destacando-se, em 1912, os que teorizam a estética emergente; faz nascer os heterónimos, "mata" um deles, Alberto Caeiro; inicia o *Livro do Desassossego*; concebe e faz nascer a revista *Orpheu*.

Quanto a Côrtes-Rodrigues, a sua vida ia acontecendo entre as aulas dos professores Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho ou Teófilo Braga; o quartel, para onde a jovem República o chamou, indiferente ao seu estatuto de estudante; Algés, onde, a partir de setembro de 1912, mora com a mulher no n.º 20 da rua da Piedade; bem como entre tertúlias nas Brasileiras do Chiado e do Rossio ou no restaurante Irmãos Unidos, "o Mata-fomes", como lhe chamava. Fazia igualmente parte do quotidiano do jovem poeta açoriano os encontros com Fernando Pessoa

² *Primeiro de Janeiro*, 28/10/1953, p. 3

num café escolhido ao acaso, onde conseguiam maior privacidade³, ou no La Gare, onde redigiu as notas biobibliográficas que este companheiro lhe confiou. Os seus dias integravam também as fugidas aos quartos alugados dos amigos Hernâni Cidade ou ao do Sá-Carneiro, para dar a ler a sua escrita e ouvir a dos companheiros.

Quando Sá-Carneiro aparecia por Lisboa, vivia no Largo do Carmo, ao pé do convento. Vinha raramente a cafés. Ia vê-lo várias vezes por semana à sua casa e ouvi da boca dele muitas das suas prosas e poemas. Era cheio, corado, com aspeto físico que contrastava com a estranha vibração da sua sensibilidade⁴.

Estes jovens que, ansiando por novos horizontes na Literatura portuguesa, escreviam e dentro do seu grupo se davam a ler, iam tentando a publicação dos seus textos nas revistas que lhes eram próximas. Em 1913, Fernando Pessoa introduz na revista *Águia*, Sá-Carneiro, António Cobeira e Côrtes-Rodrigues; de resto, é aqui que o poeta açoriano vê publicado, pela primeira vez, os seus poemas. António Cobeira faz o mesmo na *Ocidente*. Nesta revista são publicados poemas de Sá-Carneiro, Côrtes-Rodrigues, Alfredo Guisado, Fernando Pessoa e do próprio António Cobeira. Porém as incompatibilidades surgem, como sabemos, a cisão com a *Águia* acontece.

Portanto, a necessidade e vontade destes jovens terem a sua revista, onde pudessem livremente expressar a sua arte, ganha força e começa a germinar. Em 1914, vários projetos surgem, ou melhor, renovam-se. Primeiro, a *Lusitânia* que, para além dos poemas de Côrtes-Rodrigues, contaria com ele como editor. Depois a *Europa* que se assume como órgão do Interseccionismo e, como podemos ler no seu índice, o poeta açoriano participaria com “Loucura da Floresta (Página interseccionista)”. Mais tarde, cinco meses antes de *Orpheu*, surge a possibilidade de reunir em livro os textos e poemas que estes jovens criavam, “«uma Antologia do Interseccionismo». Seria este mesmo o título”, conforme consta na carta de Fernando Pessoa a Côrtes-Rodrigues de 4/10/1914 que, no volume referido, publicaria “poemas e prosas”.

Em agosto de 1914 eclode a Guerra e, ainda com o curso por terminar, Côrtes-Rodrigues parte para S. Miguel com a mulher e o filho, que nasceu neste mês.

Fernando Pessoa, que encontrara na dimensão humana e intelectual do amigo açoriano alguém capaz de o compreender, escreve-lhe estabelecendo a ponte que liga o jovem poeta ilhéu ao que vivera naqueles últimos quatro anos. Nestas

³ “Mas as horas de maior intimidade com Pessoa eram aquelas que passávamos sozinhos à mesa de um café, onde entrávamos ao acaso”, espólio Côrtes-Rodrigues, cota 44, p. 1-2

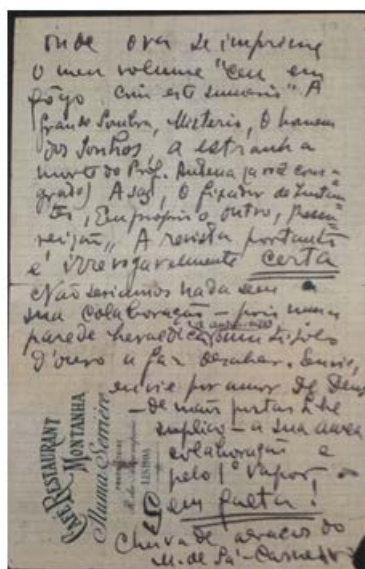
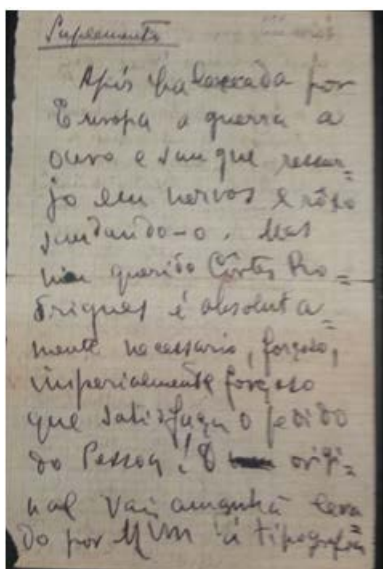
⁴ Espólio de Côrtes-Rodrigues, cx. 4-44, p. 4.

cartas o poeta plural responde às questões que o amigo lhe coloca, comenta um ou outro aspeto da sua poesia e *anima*, fala de si e do projeto comum, *Orpheu*, que em fevereiro de 1915 se realizava:

Vai entrar amanhã no prelo. Deve ter perto de 80 páginas, e é trimestral. Se você mandar colaboração para chegar aqui no vapor do princípio do mês que vem era ótimo. Não nos falte. Seria para nós um grande desgosto que a revista aparecesse sem v[ocê] colaborar⁵.

Mas não é só Fernando Pessoa quem reclama a colaboração do companheiro ilhéu, ela chega-lhe também, em “Suplemento”, numa carta de um outro amigo:

Não seríamos nada sem a sua colaboração – pois numa parede heráldica a ausência de um tijolo d’ouro a faz desabar. Envie, envie por amor De Deus – de mãos postas lhe suplico – a sua áurea colaboração pelo primeiro vapor. Sem falta! Chuva de abraços do M[á]rio de Sá-Carneiro⁶

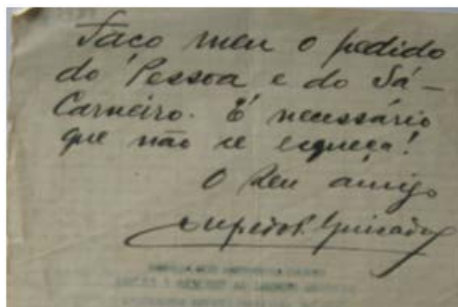


Este pedido é reiterado por um outro companheiro, num pedacinho de papel que deve ter seguido no mesmo subscrito da carta e do “Suplemento”:

⁵ Fernando Pessoa *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*, carta de 19/2/1915, p. 57

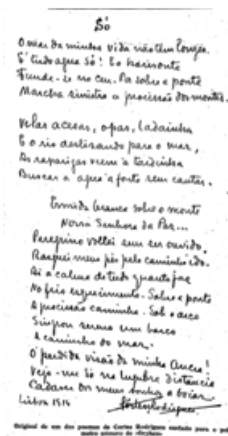
⁶ Carta de Sá-Carneiro, espólio de Armando Côrtes-Rodrigues, BPARPD, correspondência, publicada no Catálogo da Exposição *Os Caminhos de Orpheu*, Lisboa: Babel, 2015, p. 166.

Faço meu o pedido de Pessoa e do Sá-Carneiro. É necessário que não se esqueça! O seu amigo Alfredo Pedro Guisado⁷



Bilhete inédito de Alfredo Guisado

Côrtes-Rodrigues não podia, pois, faltar e envia os seus poemas pelo primeiro vapor que rumou a Lisboa. Mandou “bastantes coisas”, “o mais interseccionista” que tinha, “coisas género Outro”⁸, conforme sugere Fernando Pessoa. E, assim, a sua participação, depois de selecionada, figurará com cinco poemas: “Abertura do ‘Livro da Vida””, “Poente”, “Agonia”, “Só”⁹ e “Outro”, e, embora os tenha enviado da Ilha, em fevereiro de 1915, todos eles estão identificados com o espaço Lisboa e datados do ano anterior.



⁷ Espólio de ACR, BPARPD, correspondência 3957.

⁸ *Ibidem*, carta de 19/2/15, p. 57.

⁹ O original deste poema tem uma palavra diferente. Em *Orpheu 1* o último verso da primeira estrofe é *Marcha sinistra a procissão dos monges* e no original está *Marcha sinistra a procissão dos montes*.

O segundo número da revista é organizado com a presença de Côrtes-Rodrigues que, em maio, regressa a Lisboa para terminar o curso. Este número conta, portanto, com a colaboração de Côrtes-Rodrigues, mas não com o seu nome que tinha de ser protegido, no exame, das fúrias que Adolfo Coelho, seu professor e examinador, desenvolvera contra os rapazes da *Orpheu*.

Foi então que Fernando Pessoa, que muito frequentemente me recomendava a “duplicação da personalidade” (a frase era dele) sugeriu que arranjasse um pseudónimo de mulher, achando até excelente que aparecesse uma co-laboradora entre tantos poetas, guardado o costumado sigilo, para provocar maior curiosidade. E foi ele que escolheu o nome”¹⁰.

(...) para uma série de poesias líricas que lhe apresentei (...)”¹¹.

Violante de Cysneiros surgiu, portanto, da necessidade de proteger Côrtes-Rodrigues das retaliações de Adolfo Coelho. Fernando Pessoa sugere o desdobramento feminino, o poeta açoriano aceita-o e escreve na pessoa e em género/sexo outro. O conjunto de poemas produzidos evoca em Fernando Pessoa um nome, Violante, e um apelido, Cysneiros. Esta personalidade nasce, portanto, de dois; facto que lhe confere singularidade no eventual universo heteronímico em que a situemos.

Que sabemos de Violante de Cysneiros que é única personalidade literária em *Orpheu*, a par do seu mestre, Álvaro de Campos?

A 5 de junho de 1915, no mês seguinte ao seu aparecimento e a poucos dias de ser publicado o segundo número da revista, Violante de Cysneiros envia a Fernando Pessoa uma carta que lhe chega por correio, ao escritório de Xavier Pinto & Companhia, sito no n.º 43 do Campo das Cebolas¹². Nesta carta, esta figura feminina pede ao seu destinatário que interceda por ela junto do senhor Álvaro de Campos, que lhe parece estar fora do país, para lhe dar a ler os poemas que envia e obter dele, “sublime autor da «Ode Triumphal»”, o parecer favorável que lhe permitiria a colaboração em *Orpheu 2*. Não sabemos quem escreveu a carta, poderá ter sido Fernando Pessoa ou Côrtes-Rodrigues, porém a caligrafia que emerge dela é um cursivo inglês redondo e definido, bem próximo do traço de Côrtes-Rodrigues.

Violante de Cysneiros mora em Lisboa, no número 20 da Costa do Castelo, habitando, portanto, num/um espaço medieval e, talvez não por acaso, vizinha de Afonso Lopes Vieira, poeta da tradição e da divulgação da literatura portuguesa deste período histórico, que morava no n.º 45.

¹⁰ *Primeiro de Janeiro*, 28/10/1953, p. 3.

¹¹ Espólio de Côrtes-Rodrigues, cx. 4-44, p. 6.

¹² Espólio de Fernando Pessoa com as cotas: e3-115-1-1-86_0177_85, e3-115-1-1-86-0178_85, e-3-11-1-1-86_179_86 e e-3-115-1-1-86_0180_86 e publicada por Alfredo Margarido, *Colóquio/Letras*, n.º 117-118, Set. 1990, p. 115-119.

Segundo Ana Maria Binet, o apelido Cysneiros remete para o cardeal franciscano da corte dos reis católicos de Espanha, Cisneros, no qual Fernando Pessoa se poderá ter inspirado por referência à grande religiosidade do poeta açoriano e, acrescentamos nós, ao seu franciscanismo. Segundo esta docente da Universidade de Bordéus, o facto de Cysneiros estar grafado com “y” poderá ligar-se à ordem do cisne, cujos membros, nobres, juravam celebrar as festas consagradas à virgem, pela qual o poeta açoriano era devoto, notando ainda, que o cisne é o símbolo do movimento modernista hispânico.

Ainda que haja, e estamos certos que há, “ascendência” hispânica na poetisa de *Orpheu*, temos para nós que “ela” é ilhoa, tal como Côrtes-Rodrigues. É Aliete Galhoz quem o refere na introdução a *Orpheu 2*, sensibilizando açoriano o seu nome e, embora não apresente razão, ela está implícita nas referências ao espaço ilhéu que perpassa pelos versos desta “poetisa” da *Orpheu*.

Poética açórica aparte, Violante, nome aceite por Côrtes-Rodrigues, é também nome cimeiro da História de Portugal e símbolo do patriotismo português, elementos debilitados por alguns erros dos governantes da 1.^a República, e, como sabemos, atitude rejeitada pelo grupo órfico, em particular por Pessoa e Côrtes-Rodrigues. Foi Violante do Canto, abastada aristocrata terçoense que, contrariando os seus pares, apoiou, alimentando e dando aquartelamento, às tropas de António, Prior do Crato, na sua resistência contra Filipe II. Com a derrota do proclamado rei António I de Portugal e a invasão da Ilha Terceira, Violante do Canto foi levada para Espanha, encerrada em mosteiros e, mais tarde, obrigada a casar com um fidalgo castelhano, morrendo sem deixar descendência.

Tudo em *Orpheu* é pensado, porque tudo é elemento integrante de um universo dramático em construção. Portanto, ainda que possa ser especulativo, eis, pois, em nosso entender, onde poderá encontrar-se a génese do nome Violante, a descendente dramática de Violante do Canto, ora renascida do nevoeiro, fénix sebastianista revelada no Império da Poesia que *Orpheu* criava.

Como se constata, havia, sem dúvida, uma “construção dramática”, deveras “subtil”, que se estruturava, com “Fernando Armando Violante de Cysneiros” Pessoa ensaia o drama em gente a outra dimensão. No caso, com o companheiro Côrtes-Rodrigues, aquele que, de todos, “melhor e mais de dentro o compreendia”, conforme regista na página do seu diário de 21 de novembro de 1914.

E Côrtes-Rodrigues continua em *Orpheu 3*.

O terceiro número de *Orpheu* deveria ter saído em outubro de 1915 e, como sabemos, não aconteceu. Em fevereiro de 1916, o poeta açoriano regressa a S. Miguel, mas não sem antes deixar com Fernando Pessoa a sua colaboração para *Orpheu 3*. “Cavalgada de Sonho”, assim se chama o poema com que Côrtes-Rodrigues participaria neste número da revista que não chegaria a conhecer publicação.

Com a morte de Sá-Carneiro o índice da revista sofre alterações, conforme podemos constatar na carta de 4/5/1916 que Fernando Pessoa envia a Côrtes-Rodrigues em que lhe comunica o suicídio do autor de *Dispersão*:

Naturalmente *Orpheu* publicará uma plaquette, colaborada só pelos seus colaboradores, à memória do Sá-Carneiro. Logo que v.[ocê] puder, portanto – quanto antes melhor – v.[ocê] mande-me qualquer coisa (o mais esmerado possível) à memória dele. Não se esqueça. O bom era que o mandasse pelo próximo vapor¹³.

Côrtes-Rodrigues, como sempre, responde prontamente ao amigo. E, na carta que lhe envia, que torna pública no jornal *Autonómico*, anexa o poema “Cortejo Trágico” para integrar a tal “plaquette” com que *Orpheu 3* homenagearia o companheiro morto.

O tempo passou, a revista não conheceu terceiro número e, para além deste facto, Côrtes-Rodrigues sabe somente que isso constituiu angústia para Fernando Pessoa, que, em 1923, lhe escreve, falando da sua saudade, “(...) – cada vez mais tanta! – daqueles tempos antigos do *Orpheu*, do Paulismo, das intersecções e de tudo o mais que passou!”¹⁴.

Não passou.

Porém, neste tempo, o fulgor de *Orpheu* já se perdera, a morte levou alguns, a vida encarregou-se de afastar outros, como foi o caso de Côrtes-Rodrigues. Este afastamento levou a que Fernando Pessoa perdesse também o contacto sobre o que se passava na vida pessoal e coletiva deste companheiro.

Em setembro de 1921, o poeta açoriano chega à Terceira, uma vez que aí foi colocado como professor. Por este tempo saiu desta Ilha com destino à capital o jovem Vitorino Nemésio que encontraria na sua Lisboa iniciática “(...) uma modernidade tímida que deixara morrer *Orpheu*(...)”¹⁵.

Porém, *Orpheu* não morrera.

Em Lisboa, Fernando Pessoa, embora sozinho, continuou o projeto, iniciado dez anos antes, de lançar a arte portuguesa na vanguarda da cultura europeia, inscrevendo a sua universalidade através daquilo que lhe era individual. Em S. Miguel, o poeta açoriano sabe que as verdadeiras conquistas políticas passam pela afirmação cultural, pelo que, implicado no Movimento *Autonómico*, vive na sua poesia, como no resto da sua intervenção cultural, o seu “sentimento açoriano”, ou seja, chama a si a tarefa de revelar a identidade açoriana, missão que o acompanhará até ao último dos seus dias, tal como ao companheiro lisboeta.

¹³ *Cartas a Armando Côrtes-Rodrigues*, p. 68.

¹⁴ Carta de 4/8/1923, p. 71.

¹⁵ *Jornal do Observador*, p. 24.

O projeto cultural de *Orpheu* acompanha, portanto, Côrtes-Rodrigues, mas, porque em outro tempo e espaço, de outro modo. Com efeito, há que ter em conta que, embora as ilhas açorianas sejam parte integrante de Portugal e, portanto, do seu Ser, a realidade social e, sobretudo, política e cultural vivida no continente e nas ilhas é, neste tempo, bastante diferente. Pelo que o modo de realizar o desígnio do Homem Novo, o Homem que emergira na senda de *Orpheu*, seria diferente no espaço continental e no espaço ilhéu.

Portanto, ao contrário do que alguma crítica entendeu da produção poética de Côrtes-Rodrigues, neste tempo, afastando-o do Movimento de que foi parte integrante, defendemos que, quer a sua produção poética, mas, sobretudo, a sua ação cultural, seguiram os caminhos que ele iniciara na década anterior. O que deciframos na poesia e em particular no teatro de Côrtes-Rodrigues é semelhante ao que, neste tempo, o Brasil manifesta na sua arte, ou seja, a procura da raiz, a revelação da linguagem falada do povo, a constante telúrica e, no caso particular açoriano, o tema da diáspora.

Posto isto, ousamos afirmar que a produção poética de Côrtes-Rodrigues deste período, que a receção crítica continental de Gaspar Simões rotulou, depreciativamente, de Literatura regionalista, é uma outra face do Modernismo português, semelhante ao que caracterizou este Movimento no Brasil.

Doze anos depois, em novembro de 1935, Fernando Pessoa termina o texto que vimos citando, afirmando: “Orpheu acabou, Orpheu continua”. E, de facto, *Orpheu* continuou como continuaram em *Orpheu* os que o construíram e nele se construíram, como é o caso do poeta que é “directamente de Orpheu”. Neste texto, que se revelaria de despedida, Fernando Pessoa, que, depois do tempo da *Orpheu*, só se encontrou com Côrtes-Rodrigues uma única vez, em 1928, num momento de profunda crise existencial da vida do poeta açoriano, transmite-lhe, ainda, o “desejo” de que

(...) se não embrenhe demasiado, como de há tempo se vem embrenhando, no catolicismo campestre, pelo qual facilmente se aumenta o número de vítimas literárias da pieguice fruste e asiática de S. Francisco de Assis, um dos mais venenosos e traiçoeiros inimigos da mentalidade ocidental.

Côrtes-Rodrigues toma conhecimento deste “desejo” e recebe-o, conforme podemos constatar pelo que diz numa carta que escreve a Eduíno de Jesus, vinte anos depois: “Eu merecia o beliscão e aceito-o com a amizade sincera de quem mo deu. Mas o nosso pai S. Francisco é que não merecia a dureza e injustiça destas palavras (...)”¹⁶. E a João Afonso, a propósito da crítica por ele feita à Antologia organizada por Eduíno de Jesus, esclarece: “Pessoa chamou a esses poemas”, referindo-se a Violante de Cysneiros, “uma maravilha subtil de criação

¹⁶ *Ibidem*, p. 157.

dramática» – não me envaidece a citação. E sinto que se me tivesse perdido, ter-me-ia encontrado nela”¹⁷.

E, na verdade, como apresentámos, Côrtes-Rodrigues, o poeta que “é diretamente de Orpheu”, nunca se afastou do Movimento de que foi parte integrante; e, como afirma, mesmo que o tivesse feito, as palavras do amigo Fernando Pessoa seriam, só por si, bastantes para que o reencontro acontecesse.

¹⁷ *Atlântida*, n.º 2, Out./Nov. 1956, p. 114.